

Plano mexicano reduz inflação

O Brasil já regulamentou dois pontos que foram considerados "elementos essenciais" no Pacto de Solidariedade Econômica —, como é chamado o programa antiflacionário aplicado, no México, pelo presidente Miguel de La Madrid, a partir de dezembro de 1987: abertura nas importações e privatização de empresas estatais. Embora alguns especialistas critiquem o forte caráter recessivo da política mexicana, o fato é que em maio a inflação mensal foi de apenas 1,9%, contra 15,5% em janeiro deste ano.

Nos últimos dois meses, vigorou um aditivo ao pacto inicial: o setor público não aumentou os preços dos bens e serviços e o Ministério do Comércio não autorizou reajustes nos preços dos bens e serviços controlados pelo Estado. No mesmo período também não variou a taxa de câmbio em relação ao dólar, enquanto os salários permaneceram sem

reajuste. Existe forte vigilância contra as empresas que aumentam preços.

Com cerca de 80 milhões de habitantes, o México tem no petróleo seu principal produto. A crise do país é explicada também pelo fato de a economia local ter sido fortemente esquentada, quando o barril de petróleo já superara o preço de US\$ 30 no mercado internacional. Depois, com a inesperada queda dos preços do óleo bruto, a economia mexicana mergulhou num buraco negro, até quebrar totalmente em 1982.

Existe um dado político, no México, que o torna muito diferente dos casos do Brasil ou de Israel. O atual presidente, Miguel de La Madrid, é conhecido especialista em finanças e planejamento, enquanto o seu virtual sucessor, Carlos Salinas de Gortari, foi seu ministro do Planejamento, tendo participado da elaboração do pacto original, antes de colocar sua candidatura na rua. E a

política mexicana ainda tem uma questão peculiar, que é o predomínio do Partido Revolucionário Institucional (PRI), o que transforma o México, na prática, em estranha democracia de partido único, sem efetiva oposição.

Hoje, o México conta com reservas cambiais calculadas em US\$ 16 bilhões e o Governo se dispõe a injetar no mercado até US\$ 5 bilhões para conter eventuais pressões especulativas. O mercado de câmbio é livre, mas a entrada de muitos dólares, para investimentos fixos no país, tem neutralizado as especulações.

Especialistas do governo mexicano se orgulham ao dizer que se espelham nos planos Cruzado/Bresser, do Brasil, e Austral, da Argentina, para não repetir os erros. Quanto aos acertos, não se negam a reconhecer que o exemplo vem de Israel.